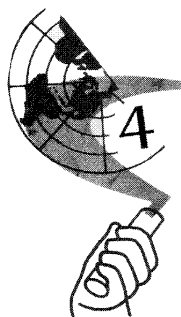


**Rechaçar a
ofensiva militar
do imperialismo
sobre o Estado Islâmico!**



**Ao lado da nação oprimida
contra a nação opressora!**



**Partido
Operário
Revolucionário**



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Índice

Apresentação	3
Iraque: Um novo episódio do intervencionismo imperialista	07
Iraque: Avança a balcanização do Oriente Médio pelos métodos imperialistas	14
Fora os Estados Unidos do Iraque e do Oriente Médio.....	17
Ao lado do Estado Islâmico (EI) contra o imperialismo.....	20
Declaração do POR diante do ataque terrorista contra a revista Charlie Hebdo	23
Todo apoio às manifestações no Oriente Médio, África e Ásia contra a França imperialista	27
Resposta à campanha do imperialismo contra o terrorismo.....	32
Rechaçar a ofensiva imperialista contra o E.I.....	42
Estados Unidos bombardeiam território da Síria. Fora o imperialismo do Oriente Médio!.....	53

Ao lado do E.I. contra o imperialismo

Apresentação

O crescimento da área de controle pelo Estado Islâmico no Oriente Médio, abraçando grandes parcelas do Iraque e Síria, mas também áreas na Líbia e Iêmen, levou as potências imperialistas, lideradas pelos Estados Unidos e apoiadas por dezenas de países vizinhos, a desfecharem uma ofensiva militar sobre a região. A chamada coalizão realizou desde agosto de 2014 até março de 2015 mais de 2.400 ataques aéreos sobre o E.I, uma média de 10 por dia. Os milhares de mortos não constam nas notícias da grande imprensa. Configura-se claramente uma guerra encabeçada por uma potência imperialista contra uma força nacionalista terrorista religiosa que expressa a nação atrasada. A posição dos marxistas diante de um conflito entre uma nação oprimida e uma nação opressora é se colocar ao lado desta contra aquela. Isto porque o imperialismo é a burguesia internacional, cada vitória militar que ela obtenha é uma derrota para o proletariado internacional, e cada derrota dela é um passo à frente dos explorados contra os exploradores em nível internacional.

O E.I., sem dúvida, é resultado da intervenção militar do imperialismo na região. Surgiu a partir do ISIL, Estado Islâmico do Iraque e do Levante, em junho de 2014. O Isil, por sua vez, tem suas raízes no Iraque ocupado militarmente pelos EUA após a derrubada de Saddam

Hussein. Os sunitas, destituídos do poder pela ocupação norte-americana, organizaram uma série de grupos de resistência militar. A partir da fusão de organizações como a Al-Qaeda no Iraque (AQI) (2003-2006), o Conselho Shura Mujahideen (2006-2006) e o Estado Islâmico do Iraque (ISI) (2006-2013), além de outros grupos insurgentes, como Jeish al-Taiifa al-Mansoura, Jaysh al-Fatiheen, Jund al-Sahaba, Katbiyan Ansar al-Tawhid wal Sunnah e vários grupos tribais iraquianos que professam o islamismo sunita, surgiu o Isil. Inicialmente, na impossibilidade de derrotar militarmente a ocupação ianque, voltaram suas forças para a região norte do Iraque e sul da Síria, ocupadas pelos curdos.

Ao ingressarem na Síria, passaram a integrar a frente que buscava a deposição de Basher Al Assad do governo. Nesse momento, de rebeldes que usam do método terrorista passaram a ser considerados pelos EUA como aliados que lutavam por democracia e liberdade na Síria. Receberam financiamento e armas da potência imperialista. Mas não foram capazes de derrotar Assad. Voltaram-se então novamente para uma ofensiva no Iraque. Sua influência e controle sobre grande região produtora de petróleo e sua ameaça de derrubada do governo títere dos EUA de Bagdá fizeram com que os EUA se voltassem contra eles. Nas páginas da imprensa burguesa e na cotação dos EUA, passaram então de democratas e lutadores da liberdade para terroristas retrógrados fundamentalistas religiosos. E deixaram de receber dinheiro e armas, passando a ser alvo de bombas e ataques militares da maior coalizão militar que já se formou. Ao incomodarem os governos das nações semicoloniais, também estão no alvo de países como a Síria e o Irã, este pela primeira vez desde 1979 numa frente militar comum com os EUA.

O nacionalismo é inimigo mortal do marxismo. Seja ele de esquerda ou de direita, seja ele laico ou religioso. Expressa a propriedade privada dos meios de produção. Nos países semicoloniais, expressa a defesa de uma fração da burguesia de seu controle sobre as fontes de matérias primas de seu país. O nacionalismo burguês é incapaz de

realizar a soberania e independência nacional diante do imperialismo. Fatalmente, por sua condição de dependência, capitula diante das metrópoles. Somente o proletariado pode encabeçar uma unidade dos oprimidos que seja capaz de fazer frente à opressão nacional, armando as massas com seu programa e com as armas que serão empunhadas pela insurreição das massas, somente pela revolução proletária se pode alcançar a independência e soberania nacional.

O terrorismo não é o método próprio do proletariado em sua luta pela revolução. É próprio da burguesia (terrorismo de Estado) e da pequena burguesia (terrorismo individual). Ele se opõe à ação direta e coletiva das massas e serve de pretexto para os exploradores desencadearem a repressão contra as massas.

As religiões são o ópio do povo. Servem para distrair e desviar as massas do seu confronto com os exploradores e seus governos. Estimulam, legitimam e sustentam os mais variados preconceitos e opressões. O combate a todas as religiões é um dever dos que lutam pela revolução proletária e pelo socialismo.

Dito isto, não importa sobre quem se desfeche a ofensiva militar do imperialismo, seja ela de sua fração mais ou menos democrática, a posição dos revolucionários é ao lado da nação oprimida contra a nação opressora.

O E.I. expressa nesse conflito a rebelião das nações oprimidas contra a opressão imperialista. Sabemos que será incapaz de travar a luta pela real independência e soberania, que fatalmente capitulará diante dos opressores. Já o fez antes quando estava tentando derrubar Assad na Síria. Os grupos nacionalistas burgueses procuram ora se apoiar no imperialismo contra seus adversários, ora são obrigados a se opor a ele na defesa de interesses imediatos. A ausência de uma direção revolucionária, expressão do programa do proletariado, concretizando a independência de classe diante das frações burguesas em choque, leva as massas a seguirem esta ou aquela fração da burguesia semicolonial nacionalista. No passado, o nacionalismo

árabe laico fracassou e capitulou ao imperialismo, conformando governos submissos. Hoje, os nacionalismos de cunho religiosos conseguem capitalizar a rebelião das nacionalidades oprimidas contra as potências. Por sua vez, as potências buscam manipular essas forças umas contra as outras, em defesa de seus interesses de dominação. A ausência do partido mundial da revolução socialista repercute em massacres das massas da região.

Publicamos neste material artigos do jornal Massas que expressam a defesa de uma posição de classe diante do conflito EUA/E.I. Constitui uma posição única na esquerda, que em geral está submetida às pressões da burguesia mundial e nacional de ataque ao E.I. por suas características retrógradas, frente à chamada civilização ocidental. O apoio ou omissão diante da ofensiva militar imperialista repercutirá negativamente em cada país. Desarma os explorados em sua luta contra os exploradores, que é sempre internacional.

Março de 2015
Werner de Abreu

Do Massas 479 – junho de 2014

Iraque: Um novo episódio do intervencionismo imperialista

Em 2013, os enfrentamentos entre sunitas e xiitas no Iraque deixaram mais de 6 mil mortos, mais que o dobro de 2012. Dezenas de atentados em mercados, paradas de ônibus, estações e postos do exército foram registrados em todo o país. Quatro forças disputam o controle dos restos do falido estado iraquiano: o exército, as tribos locais, o *Estado Islâmico do Iraque e do Levante* (EIIL-sunita) e as forças da oposição reunidas no Conselho Militar das Tribos. O governo de Nouri al-Maliki (xiita), um títere das potências, foi incapaz de frear a guerra civil depois da retirada das tropas norte-americanas em 2011.

O crescimento dos atentados e o fortalecimento em território iraquiano do EIIL, que contém uma cisão da Al-Qaeda, se potenciou sobre a base do descontentamento da etnia sunita afastada do poder uma vez derrotado Hussein, também sunita. Esta representa 20% da população do país e é duramente perseguida pelo governo xiita. Vivem em condições quase sub-humanas, são expulsos de seus trabalhos e suas terras, e estão impedidos de ter representações políticas no governo do país e no aparato do Estado. O agravamento da crise econômica golpeou ainda mais duramente esta etnia, que organizou manifestações

contra o governo e contra a carestia de vida.

Estas condições abriram uma via para a intervenção do EIIL. De suas bases na Síria, avançou a partir do norte do Iraque, apoderando-se rapidamente entre maio e junho deste ano de vastas zonas das cidades de Ramadi e Fallujah, na província de Anbar (30% do território iraquiano). Apoderou-se, além disso, de fundos bancários no valor de 429 milhões de dólares em dinheiro (que lhe permitiria pagar todos os seus combatentes por um ano), de poços de petróleo e reservas de água. Seu rápido desenvolvimento reflete, principalmente, a confusão, a desagregação social e o descontentamento popular das regiões de maioria sunita. Fallujah e Ramadi foram, além disso, os bastiões da insurreição e resistência armada contra a invasão ianque. Foi ali, além disso, onde as tropas invasoras sofreram um terço de suas baixas.

Dezenas de tribos de origem sunita não desejam ceder seu poder territorial frente ao EIIL e fecharam uma ocasional aliança militar com o exército iraquiano. Isto demonstra como as alianças políticas e militares espelham a primazia dos interesses materiais de cada tribo frente às migalhas que lhes atira o imperialismo, acima da origem étnica. Os EUA ofereceram enviar seus ministros e assessores militares, ainda que não tropas. Irã, de maioria xiita, ofereceu equipes militares e assessoramento militar ao governo para combater o EIIL, seu rival étnico. Trata-se de mais uma manifestação do acordo alcançado entre o imperialismo e o Irã. Isso explica o porquê dos até ontem inimigos irredutíveis hoje serem aliados. O nacionalismo iraniano de máscara teocrática demonstra sua completa decomposição e impotência e conclui como instrumento do intervencionismo imperialista em outro país oprimido.

Como disfarçar o intervencionismo imperialista com manobras diplomáticas

Há aproximadamente um mês, Obama assinalou uma mudança de estratégia dos Estados Unidos a respeito dos meios e métodos para sua intervenção militar nos países

semicoloniais em guerra civil ou governos títeres prestes a cair. Dar-se-á então primazia aos meios financeiros e o envio de pequenos contingentes militares ao invés do envio massivo de tropas e aviões. O que foi apresentado como uma medida que indicava uma mudança estratégica na política exterior do imperialismo, voltada a meios mais “pacíficos ou políticos” que “militares” não foi outra coisa que o ajuste das táticas e meios mais adequados às novas condições políticas e sociais resultantes da crise capitalista.

Os xiitas são minoritários entre a comunidade muçulmana do mundo, mas são majoritários no Irã, Iraque e no Bahrein. “A divisão entre sunitas e xiitas aumentou desde 2005”, assinala Sahar al-Atrache, um “especialista” sobre o Líbano do grupo *International Crisis Group*. Segundo afirmou, os xiitas temem a criação de um Estado islâmico dominado pelos sunitas, sobretudo depois dos levantes populares que a imprensa burguesa rotulou de “primavera árabe”. Por trás da amarga e violenta rivalidade étnica, estão os interesses de Irã (xiita) e Arábia Saudita (sunita), países que estão de um lado e de outro das forças em que se divide a guerra civil na Síria. E, por cima delas, finalmente opera o imperialismo para fazer e desfazer tratados, acordos e manobras militares.

É um fato que o imperialismo norte-americano facilitou e promoveu a guerra civil no Iraque e Síria, proporcionando recursos militares e capacitação técnica aos combatentes que atuam na Síria para derrubar al-Assad. Apesar do que se disse que não se facilitariam os meios para armar “os extremistas da Al-Qaeda”, de fato os “moderados”, que eram armados pelos EUA, acabaram selando alianças com os “extremistas” para derrubar o governo Sírio, objetivo último do imperialismo. Por isso não se fez nada para evitar que se reforçassem esses vasos comunicantes entre os diversos grupos que combatem al-Assad.

Pelo contrário, o imperialismo facilitou essa via de fortalecimento do extremismo islâmico porque serve aos seus interesses mais gerais de debilitar os governos semicolo-

niais que ensaiam medidas de relativa soberania nacional; enquanto criam as condições para reforçar seu intervencionismo em nome da “paz” e da “democracia”. Alguns meios chegaram inclusive a afirmar que o EIIL contou com treinamento norte-americano na Jordânia e Turquia para poder levar adiante a guerra na Síria.

Por trás da máscara religiosa e étnica, se escondem os interesses mais venais do imperialismo

Desde 2001, o Estado Maior das Forças Armadas dos EUA vem tentando dividir o Iraque em pequenos Estados etnicamente homogêneos. Segundo esse plano, o país poderia ser dividido em três partes: um estado sunita, um xiita e outro curdo. Isso explica, em parte, porque o exército iraquiano deixou quase sem luta o controle de parte do norte aos *pershmergas* do chamado Curdistão iraquiano. E também o porquê, uma vez iniciada a operação do EIIL, a maioria parlamentar não deu quórum de urgência para decretar a mobilização de tropas e deixou girando no vazio o governo. Este teve então de recorrer à mobilização de voluntários xiitas e aceitar a ajuda tanto da milícia xiita *Exército do Mahdi* de seu rival político Moqtada al-Sadr, como dos *Guardiões da Revolução Iraniana*.

O fortalecimento do Curdistão iraquiano se deu já sob a proteção do intervencionismo militar, na chamada Primeira Guerra do Golfo (1991). Naquele momento, se impôs a Saddam Hussein uma zona de exclusão área sobre a região. Com sua derrocada, o Curdistão iraquiano conseguiu uma maior autonomia. Já destacamos como se fortaleceu o EIIL graças ao intervencionismo imperialista na Síria. Acontece que ambos os grupos étnicos contaram, senão com o apoio direto, pelo menos com a liberdade de ação para se fortalecer graças ao “guarda-chuva” estabelecido pela CIA. O mesmo “serviço” que prestou ao reforçar os grupos radicalizados no Afeganistão, Bósnia-Herzegovina e Chechênia contra os interesses da Rússia.

Cabe aqui agregar que o EIIL, dirigido no terreno militar

por Abu Bakr al-Baghdadi, conta com a proteção política dos príncipes sauditas Abdul Rahman al-Faisal, Saud al-Faisal (ministro de relações exteriores da Arábia Saudita) e Turki al-Faisal (ex-diretor dos serviços secretos e atualmente embaixador da Arábia Saudita em Washington e Londres. Como se vê, estas relações não escapam ao conhecimento do imperialismo. Sua experiência lhe ensina que estas podem ser úteis quando se trata de opor um país contra outro, e assim recolher os frutos da desintegração regional e as guerras civis.

Em outras palavras: a fragmentação territorial do Iraque servirá, caso se imponha, tão só para as manobras do imperialismo. Constituirá um elemento funcional para sua política de intervenções militares. Ao mesmo tempo em que constituem um bloqueio à consolidação de um movimento revolucionário nacional baseado nos métodos e estratégia do proletariado mundial. É a ausência da direção revolucionária mundial, organizado no Partido da Revolução Socialista Mundial, o que favorece que o imperialismo atue em todo o mundo como força econômica, social e política determinante na situação de crise mundial.

Para derrotar o imperialismo é urgente reconstruir a direção mundial do proletariado

A onze anos da invasão imperialista, o Iraque é um país à beira do colapso econômico, social e político. Representa hoje um Estado falido, incapaz de assegurar sua própria soberania territorial e unificar ao país. Esse é o resultado da ocupação militar encabeçada pelos Estados Unidos e Inglaterra.

No entanto, o objetivo de estabilizar militarmente os conflitos regionais que vêm crescendo e assim criar as condições para instalar uma plataforma de operações no Oriente Médio não se cumpriu. As contradições resultantes do vazio de poder depois da queda de Saddam Hussein abriram as comportas ao recrudescimento dos antagonismos étnicos. Sob novas condições, as potências imperialistas operam sobre o país e ensaiam, uma vez mais, o que

constitui um objetivo vital do imperialismo: o de balcanizar regiões inteiras do Oriente Médio em um sem número de estados etnicamente homogêneos, mas econômica e politicamente débeis. O método de redividir países inteiros segundo os interesses comerciais e políticos estratégicos do imperialismo já foi amplamente utilizado na África (a exemplo do Sudão) e no leste Europeu (a exemplo da Iugoslávia). No Sudão, com o objetivo de conter o avanço chinês sobre os poços do petróleo ao sul do país. Na Iugoslávia, para ampliar o intervencionismo imperialista sobre o leste europeu e justificar o cerco sobre a Rússia e completar a restauração capitalista.

Agora se renova essa estratégia, ajustada às particularidades regionais. As potências devem atuar nas condições concretas criadas pelo desenvolvimento histórico e luta de classes em cada país. Por um lado, apesar das guerras étnicas e tribais permitirem ao imperialismo manobrar sobre elas e opor uma região contra outra, uma etnia contra outra, por outro lado, é através da máscara étnica e religiosa que se reaviva a luta das nações oprimidas contra a opressão imperialista. Ao estar afundado numa crise econômica e política, no Iraque se abre uma via para que o islamismo radicalizado cresça em número e forças. Os antagonismos sociais no Oriente Médio estão sob forte influência das diferenças étnicas, que muitas vezes se confundem e combinam com as diferenciações entre as classes sociais. Trata-se, em última análise, do fracasso do intervencionismo imperialista frente às tendências mais gerais de agravamento das contradições do capitalismo agonizante, da luta de classes e da rebelião das nações oprimidas.

No Iraque, como em todo o Oriente Médio, se demonstra, uma vez mais, que a destruição da direção revolucionária mundial pelo estalinismo impediu que as lutas de libertação nacional e contra a opressão imperialista se projetassem à arena internacional, como elos da revolução socialista mundial.

Para libertar-se do jugo imperialista e alcançar a unidade regional, as massas oprimidas do Oriente Médio

devem romper com os particularismos nacionais, religiosos, étnicos e tribais. Devem unir-se em uma frente única anti-imperialista e mobilizar as nações e etnias oprimidas contra o imperialismo. Esta perspectiva, a única justa e consequentemente revolucionária, impõe que as massas se organizem sob as bandeiras da revolução e ditadura proletária, que se expressa na consigna de Estados Unidos Socialistas de Oriente Médio. Isso torna obrigatório organizar a vanguarda operária e camponesa em partidos revolucionários, marxistas-leninistas-trotskistas, ajudando assim a fortalecer a tarefa de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional, como seu comando político mundial unificado.

Do Massas 480 – Julho de 2014

Iraque: Avança a balcanização do Oriente Médio pelos métodos imperialistas

A guerra civil está configurada no Iraque. Nela atua o imperialismo, rodeado pelas serviçais burguesias árabes e judia, potenciando a redefinição das fronteiras nacionais segundo seus interesses. Essas desagregadoras forças políticas e econômicas estão determinadas pelo recrudescimento das tendências bélicas que expressam o esgotamento da divisão do mundo, tal qual este se configurou depois da Segunda Guerra Mundial. Os choques resultantes da rebelião das forças produtivas contra as fronteiras nacionais - as forças produtivas mundiais se acham condicionadas pela forma monopolista - se projetam para o campo do intervencionismo imperialista e das guerras.

O Estado Islâmico do Iraque e o Levante (EIIL) – agora denominado Estado Islâmico (EI) – comparece como uma expressão da resistência das massas contra a opressão imperialista e o governo títere de Bagdá. Ao colocar-se sob a ideologia reacionária teocrática, acaba por manifestar-se como uma expressão política dos interesses das forças burguesas, sejam estas saudistas, egípcias, turcas, iranianas ou até mesmo judias. Israel e Turquia, por exemplo,

apoiam a proclamação de um estado autônomo do Curdistão, no norte do Iraque, e se aproveitam da decomposição do estado iraquiano para exigir sua independência. A Turquia apoia a medida, já que por seu território se exporta e transporta o petróleo bruto da região a despeito das autoridades iraquianas (quase metade do petróleo iraquiano se explora no território curdo). Enquanto para Israel, isso serviria de bloqueio às pressões sauditas que centralizam e determinam a existência do petróleo regional. Ao mesmo tempo em que fortaleceria seu controle sobre o transporte de gás e petróleo para a Europa, uma vez que os capitais israelenses se direcionam em abundância para as linhas de gasodutos que atravessam a região do Curdistão iraquiano.

No entanto, o imperialismo norte-americano pretende que esse processo permaneça sob seu controle. Uma escalada de conflitos étnicos ou nacionais pode comprometer os esforços financeiros e militares do imperialismo no preciso momento em que reconcentram forças e recursos para cercar a Rússia e China. Neste sentido, deve-se compreender as palavras do Secretário de Estado norte-americano, John Kerry, que “advertiu” os governos do Oriente Médio quanto a novas ações militares no Iraque que pudessem intensificar as divisões sectárias. Tendência essa que, no entanto, vem se confirmando.

Comboios de armas sauditas cruzam a fronteira do Iraque (sob a proteção de sua força aérea), no distrito de AL-Qaim, perto da fronteira com a Síria, para armar o EI. Do Irã, chegam a Bagdad pelotões das brigadas Al-Quods para combater ao lado do governo o EI. Ao mesmo tempo, aviões de combate sírios atacam as pistas aéreas de Anbar, onde os transportes aéreos sauditas descarregam material bélico para fortalecer a capacidade de combate do EI. Washington confirmou que em 25 de junho foram realizados ataques aéreos sírios na “na província de Anbar” contra o objetivo do EI.

Como se vê, a divisão de um país qualquer, no caso o Iraque, serve de teatro de operações a interesses das fra-

ções burguesas em disputa pelo controle da existência, exploração e transporte do petróleo e gás. A criação de um extemporâneo “Califado Islâmico” pelo EI não passa de uma nova medida pela qual se desenvolverão, em escala ampliada, os conflitos interburgueses na região. O Iraque se converteu na arena onde se chocam os países da região em luta por submeter regiões inteiras a seus interesses, tendo por cima o imperialismo norte-americano. Nesse sentido, o EI não passa de um subproduto do intervencionismo e da guerra civil no Iraque e na Síria, impulsionada pelo imperialismo. Há que se considerar que o Iraque foi desmantelado pela guerra de intervenção dos Estados Unidos. Os movimentos radicalizados expressam, em última análise, os choques das nacionalidades oprimidas contra seus opressores. Mas acabam submetidos aos interesses das frações burguesas em pugna. Diante da ausência da direção revolucionária, as tendências à rebelião das massas acabam expressando-se, deformada e reacionariamente, como luta étnica ou religiosa. E por isso subordinadas aos interesses gerais do imperialismo.

Isso explica, por exemplo, porque o legítimo direito à autodeterminação nacional dos curdos, a sua completa separação e criação de um Estado independente, compareça, nos fatos, como um campo de manobra do imperialismo e de seus agentes burgueses nacionais.

Para que a rebelião dos oprimidos do Oriente Médio possa se projetar no campo da luta de classes - como mobilização nacional das massas exploradas e oprimidas sob as bandeiras e os métodos da revolução proletária - deve confluir para uma frente única anti-imperialista. E avançar na tarefa de constituir um governo operário e camponês em cada país como elos nacionais da necessária unidade regional, que será conquistada com os Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio.

Do Massas 482 – Agosto de 2014

Fora os Estados Unidos do Iraque e do Oriente Médio

O imperialismo norte-americano voltou a intervir militarmente no Iraque. Desta vez, contra o movimento do Estado Islâmico no Iraque e no Levante (Isil). Aviões e drones despejam bombas contra as milícias jihadistas que avançam contra o domínio da oligarquia xiita encabeçada por Nuri Al Maliki.

Barack Obama havia declarado que a solução dos conflitos entre sunitas, xiitas e curdos viria com uma mudança no poder do Estado, o que implicava compartilhar a ditadura de Maliki com uma fração feudal burguesa dos sunitas. Essa via fracassou. Os jihadistas avançaram. E o imperialismo decidiu passar das pressões políticas para a intervenção militar.

Diz Barack Obama que não é objetivo dos Estados Unidos invadirem por terra o Iraque para combater o Isil. É mais um jogo da Casa Branca. O certo é que o imperialismo já se envolveu militarmente. Está claro que a retirada das tropas do Iraque por Obama foi apenas uma contingência diante da contínua resistência dos iraquianos à ocupação de seu País. Em nenhum momento, o afastamento das tropas intervencionistas significou libertação do Iraque. Ou

seja, o Iraque continuou sob intervenção.

O ditador e fantoche dos Estados Unidos, Maliki, manteve os laços da dominação externa. Deve ser derrubado pelos próprios iraquianos. Somente a unidade entre xiitas, sunitas e curdos contra a feudal-burguesia e contra o imperialismo poderá abrir um caminho progressivo para a solução dos conflitos que despedaçam o Iraque.

O Isil é produto da ampla opressão exercida pelos Estados Unidos e pelas potências europeias sobre o Oriente Médio e das disputas entre frações da feudal burguesia árabe. Sem dúvida, não é um movimento capaz de conquistar a libertação nacional do Iraque. Seus pressupostos religiosos e políticos – constituir um califado – expressam o enorme atraso do desenvolvimento do capitalismo no Oriente Médio e dos fracassos passados do nacionalismo burguês árabe.

Ocorre que sua imersão na Síria e agora no Iraque, ameaçando avançar para a Jordânia, se choca com o poder constituído da feudal burguesia dominante e com o imperialismo. Observa-se que, na ausência de partidos revolucionários e de movimentos socialistas que levantem as nações oprimidas contra as nações opressoras, empunhando o programa da independência nacional, da nacionalização das fontes de matérias primas, da expropriação e estatização das multinacionais e da solução das tarefas democráticas do capitalismo atrasado, surgem revoltas populares canalizadas pela religião e movimentos jihadistas do tipo Isil.

Diante dos ataques do imperialismo, está colocada a defesa da nação oprimida contra o imperialismo. A luta pela autodeterminação das nações oprimidas se constitui em um dos pilares do programa revolucionário. Em seu fundamento está a independência nacional dos povos subjugados e fim de toda intervenção econômica, política e militar das potências. Sua imposição se dará com a luta pela expropriação do grande capital e pela conversão da grande propriedade privada dos meios de produção em propriedade social.

A feudal burguesia árabe já provou que não passa de um instrumento do imperialismo contra as massas exploradas e contra a nação. Os novos movimentos como o Isil expressam justamente o apodrecimento da feudal burguesia árabe, sem contudo expressar as tarefas revolucionárias das nações oprimidas. O califado é uma idealização religiosa arcaica, mas que tem profundas raízes históricas no Oriente Médio. Está aí por que é necessário defender o Isil contra a intervenção do imperialismo, demonstrando seu arcaísmo nacional-religioso e levantando o programa democrático e socialista.

Pelo levante das massas oprimidas para derrotar o imperialismo!

Expulsar os Estados Unidos do Iraque e do Oriente Médio nacionalizando os recursos naturais e estatizando as multinacionais!

Lutar pela emancipação dos povos oprimidos sob a bandeira dos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio.

Do Massas 485 – Setembro de 2014

Ao lado do Estado Islâmico (EI) contra o imperialismo

A coligação imperialista constituída pelos Estados Unidos iniciou os bombardeios contra o exército do Estado Islâmico. É necessário que a classe operária e os demais oprimidos do mundo se coloquem do lado do EI contra o imperialismo. Não se trata de apoiar os objetivos reacionários do movimento islâmico. Trata-se, sim, de apoiar sua resistência armada à intervenção da poderosa coligação das potências.

Qualquer vacilação em se colocar ao lado do EI contra os opressores do mundo viola a luta anti-imperialista dos povos e nações oprimidas.

A medida extrema tomada pelas potências responde a um objetivo concreto: impedir que o EI conquiste parte do território iraquiano e curdo rico em petróleo. Os objetivos reacionários do EI não movimentariam a máquina de guerra dos Estados Unidos e aliados. O califado e a aplicação das leis islâmicas são utópicos. Não há possibilidade de reunificar os islâmicos sob a forma medieval do califado. Ocorre que sob o manto da ideologia religiosa organizou-se um movimento armado de conquista territorial. No fundo, se encontra o nacionalismo, marcado pela divisão histórica entre mulçumanos sunitas e xiitas.

O domínio imperialista no Oriente Médio e a submissão

da feudal-burguesia árabe gestam no interior das fronteiras nacionais movimentos voltados ao controle das riquezas naturais. Setores da feudal-burguesia ligados à população e às massas empobrecidas impulsionam os brutais confrontos. O EI expressa as contradições entre a nação oprimida e a opressão imperialista. Expressa a contradição entre as forças produtivas enclausuradas nas fronteiras nacionais traçadas pelas guerras mundiais e a feudal-burguesia árabe que serve às potências.

Não por acaso, os conflitos internos de um país são parte dos conflitos gerais que se desenvolvem no Oriente Médio. As disputas interburguesas compõem sempre vinculadas à desnacionalização das reservas de petróleo e ao saque imperialista.

O EI, no entanto, não tem como encarnar um movimento revolucionário anti-imperialista de libertação do Oriente Médio. Seus objetivos utópicos e seu conteúdo ideológico reacionário indicam que não pode expropriar os monopólios, expulsar o imperialismo e impor a autodeterminação.

Essa contradição explica os métodos bárbaros de combate aplicados pelo EI.

O imperialismo teme que suas conquistas possam não apenas atingir seus interesses pontuais como também incendiar o ódio das massas oprimidas contra a feudal-burguesia e, portanto, contra o imperialismo. Um levante anti-imperialista generalizado libertaria os explorados do EI e de organizações semelhantes. Criaria as condições para construir uma direção revolucionária, proletária e socialista.

De qualquer forma, os Estados Unidos, França e Inglaterra - núcleo de comando das forças imperialistas - estão decididas a destruir o EI. Esse confronto determina que o proletariado se coloque contra a intervenção imperialista e pela autodeterminação das nações oprimidas.

Somente as massas árabes envolvidas na guerra interna podem decidir a destruição ou não do EI. Qualquer força externa deve ser rechaçada e os explorados devem se colocar ao lado do EI em defesa da nação oprimida. A derrota da coligação imperialista de forma alguma dará lugar a um califado. Abrirá um amplo processo revolucionário de solução das tarefas democráticas pendentes. Estas, por

sua vez, colocarão a necessidade da revolução socialista.

O imperialismo faz campanha de convencimento da população mundial de que o mundo está diante de um confronto entre a barbárie e a civilização. O EI de um lado e as democracias imperialistas de outro. É claro que ocultam o caráter imperialista das democracias capitalistas. O método de decapitação dos adversários aplicado pelo EI é bárbaro, viola os direitos humanos e o próprio sentido religioso do Islã. “Civilizados” seriam os ataques aéreos, que destroem tudo que atingem. Lembremos a invasão do Iraque pelos Estados Unidos. Resultado dos bombardeios: mais 37 mil iraquianos mortos. Em dez anos de invasão e ocupação: 174 mil iraquianos perderam a vida. Acabamos de presenciar a guerra “civilizada” de Israel contra os palestinos, cuja faixa de Gaza foi transformada em ruínas, mais de 2 mil mortos, sendo a maioria de civis, entre eles cerca de 400 crianças. A guerra “civilizada” não precisa sujeitar os adversários e, assim, cortar-lhes as cabeças. Basta um só bombardeio para eliminar dezenas de adversários de uma só vez.

O imperialismo impressiona a população com as imagens da degola divulgadas pelo próprio EI. Oculta que a raiz de toda a barbárie está na propriedade privada dos meios de produção, na exploração do trabalho, na opressão de uma nação sobre outra e na manutenção à força da burguesia parasitária.

A política do proletariado se empenha em revelar as leis econômicas e históricas que têm provocado constantes convulsões no Oriente Médio. De forma que os explorados se libertem do obscurantismo religioso, do nacionalismo senil e do brutal domínio imperialista.

A crise mundial vem golpeando o débil equilíbrio entre as fronteiras nacionais impostas pelas potências vencedoras da Primeira e Segunda Guerras Mundiais. A feudal-burguesia árabe e seus governos ditatoriais se separaram profundamente das massas oprimidas, que não têm outra via senão a dos levantes massivos. Este é o caminho pelo qual o imperialismo será derrotado, e não por movimentos como o do EI.

Derrotar a coligação imperialista com o levante armado das massas!

8 de janeiro de 2015

Declaração do POR diante do ataque terrorista contra a revista Charlie Hebdo

Na quarta-feira, 7 de janeiro, dois homens armados adentraram às dependências do Jornal francês Charlie Hebdo e fuzilaram 10 jornalistas e cartunistas. A operação se caracterizou por um ataque terrorista. O objetivo foi o de suprimir os jornalistas considerados inimigos do islamismo e profanadores do profeta Maomé. A polícia francesa identificou como responsáveis pelo atentado os irmãos Said e Shérif Kouashi, apontados como possíveis membros da Al-Qaeda na península Arábica.

O fato do atentado ocorrer na França e atingir conhecidos cartunistas teve uma imediata repercussão mundial. O conteúdo da campanha divulgada pelos meios de comunicação é de que se trata de um ato de barbárie contra a civilização.

O presidente dos Estados Unidos deu o tom da campanha qualificando o ocorrido de “horrendo e covarde”. A presidente Dilma Rousseff seguiu a mesma toada. Um rol de intelectuais, jornalistas, cartunistas e analistas desfilam sobre a bandeira da liberdade de imprensa. Na França, o presidente François Hollande se uniu a Nicolás Sa-

rkozy em defesa da “república” e da “unidade nacional”. A direita, representada pela Frente Nacional, de Jean-Marie Le Pen, reivindica o direito de estar presente no movimento de defesa da França contra o terrorismo. A população é convocada a sair às ruas e ostentar a bandeira “Je suis Charlie”. Enfim, o terrorismo é contraposto à civilização, como se este não fosse gestado em seu ventre.

A caça aos irmãos Kouashi mobilizou toda a força de repressão. Paris se encontra sitiada. Os dois militantes jihadistas foram cercados. Não aceitaram se entregar e morreram em combate com as forças militares francesas. Tudo indica que seria melhor para o governo francês tê-los vivos em suas mãos. É do interesse do imperialismo explorar ao máximo os efeitos ideológicos e emocionais de sua guerra contra o movimento nacionalista islâmico, que se utiliza do método terrorista de combate.

As potências sabem perfeitamente que as organizações jihadistas não podem encarnar um movimento revolucionário que coloque em risco as bases econômicas e políticas do capitalismo. Mas têm de esmagá-las uma vez que estas assumem posições nacionalistas defendidas com armas, o que inclui o terrorismo.

O jornal Charlie Hebdo não significa absolutamente nada nessa guerra, que se desenvolve no Oriente Médio, em países asiáticos e africanos. Sua tiragem semanal não passava de 60 mil exemplares. As caricaturas atingiam indistintamente figuras de destaque do mundo social e político. Não era um jornal dedicado exclusivamente a esbrachar Maomé, Sharia e os jihadistas. Por que, então, os irmãos Kouashi planejaram o assassinato de toda a cúpula do Charlie?

Segundo a campanha da imprensa mundial, a explicação se encontra no caráter bárbaro do terrorismo de organizações que se cobrem com o Islã. Essa é uma explicação que serve ao imperialismo, que exerce uma vasta opressão em todo o mundo e, em particular nos países em que se manifestam os movimentos muçumanos.

Certamente, o fanatismo religioso está presente no ata-

que ao Charlie Hebdo. Não por acaso, a imprensa destacou uma frase que possivelmente foi arrancada dos pulmões de um dos terroristas: “Vingamos Maomé”. O semanário já havia sofrido um atentado e as ameaças aos jornalistas eram constantes. No entanto, o fanatismo por si só não explica tamanho ódio aos caricaturistas. Ocorre que apesar da pouca penetração na população, o Charlie Hebdo expressava a França imperialista diante dos movimentos jihadistas. Suas caricaturas, querendo ou não seus criadores, faziam parte da ideologia colonial e imperialista da França. Somente a ausência de uma análise política de classe iguala uma charge de Maomé com a do Papa. O Vaticano e o Papa estão politicamente de mãos dadas com a França. Sua caricatura não tem transcendência. Mas a caricatura de Maomé é um ataque ideológico ao movimento jihadista. Aí está sua transcendência. Basta que se compreenda essa dimensão para se entender porque uma pequena revista foi alvo de tamanho ódio.

O POR como corrente marxista sempre rejeitou o método terrorista, que trava os combates à margem do proletariado e das massas oprimidas. Tem claro o caráter obscurantista de movimentos que se apoiam na religião. No entanto, jamais se colocou ou se colocará ao lado do imperialismo para esmagá-los. O atentado contra o jornal Charlie Hebdo não trará nenhum progresso para a rebelião das nações oprimidas contra as nações opressoras. Não se trata, porém, de condenar o atentado em apoio à campanha do imperialismo.

Os explorados devem identificar o imperialismo francês como responsável pelo surgimento dos movimentos nacionalistas islâmicos que se lançam pela via do terrorismo, uma vez que se encontram diante de um opressor poderosamente armado e disposto à matança e genocídio para preservar seus interesses econômicos e o seu domínio. Não é por acaso que a discriminação na França – e no interior de todas as potências – aos imigrantes e, particularmente aos árabes, é violenta.

É falso estabelecer uma oposição entre barbárie e civi-

lização. É o que acaba de ser feito no atentado sangrento ao Charlie. Esse mesmo critério tem sido aplicado na guerra dos Estados Unidos contra o Estado Islâmico e outros movimentos jihadistas. A barbárie moderna se origina no seio do capitalismo em sua fase de desenvolvimento mais avançado. As duas guerras mundiais foram seus marcos. As intervenções militares em várias partes do mundo pelas potências são a continuidade dos métodos bárbaros de dominação. O terrorismo das organizações islâmicas advém da gigantesca opressão sofrida por povos e nações semicoloniais. Países colonialistas como a França germinam em seu próprio seio resistências dessa natureza. Quanto mais as potências usarem de seu poder para esmagar os movimentos nacionais no Oriente Médio, Ásia e África, mais se ressentirão em sua própria entranha de trágicos acontecimentos como o do Charlie Hebdo.

A principal conclusão é a de que a classe operária deve tomar em suas mãos a luta contra a opressão imperialista. Somente assim o terrorismo perderá seu lugar de resistência. O avanço da barbárie se deve, em grande medida, aos retrocessos sofridos pelo proletariado mundial. Somente o programa da revolução socialista abre caminho para acabar com a opressão sobre os povos, a miséria e o atraso das massas. A classe operária francesa tem diante de si a tarefa de desmascarar a burguesia, que posa de democrática, civilizada e pacífica. Com essa luta, tornará o terrorismo inócuo.

Operários, camponeses e juventude, é preciso rechaçar a campanha imperialista contra o terrorismo.

A barbárie é produto do capitalismo em decomposição.

Construamos o partido revolucionário para acabar com todo tido de opressão.

Viva o socialismo!

Do Massas 491 – Janeiro de 2015

Todo apoio às manifestações no Oriente Médio, África e Ásia contra a França imperialista

Em seguida à manifestação convocada por François Hollande, no dia 11 de janeiro, decidiu-se continuar a campanha de condenação do atentado terrorista, publicando 7 milhões de exemplares da revista Charlie Hebdo, que mal chegava a uma tiragem de 60 mil. A campanha previu a edição em várias línguas e países. Na França, criou-se uma corrida para se obter um exemplar.

No mundo todo, a imprensa burguesa deu grande destaque à edição, que, segundo os porta-vozes do imperialismo, representava a defesa do “direito de expressão”. Charlie Hebdo estaria, portanto, contribuindo com a campanha das potências de combate ao terrorismo dos jihadistas. A capa da revista ostentou a caricatura de Maomé, portando um cartaz “Je suis Charlie” com a frase: “Tudo está perdoado”. Nos olhos do profeta, uma lágrima.

A decisão de editar um número com gigantesca tiragem pareceu aos olhos das vastas camadas médias do ocidente como uma bandeira hasteada bem alta em defesa da liberdade de expressão. A reafirmação da caricatura de Maomé

significou não apenas que a França não se curvaria diante do terrorismo, como também que se dispunha a fortalecer as medidas de combate a jihad nacionalista. A liberdade de expressão se mostrou como a liberdade do imperialismo de provocar os muçumanos. A revista Charlie Hebdo, assim, passou a servir diretamente ao Estado francês em sua guerra contra os jihadistas, guerra essa que une todas as potências.

François Hollande, provavelmente, não esperava que houvesse uma reação tão grande em vários países do Oriente Médio, Ásia e África. Uma onda de manifestações massivas se levantou contra a prepotência francesa. A revolta entre os muçumanos foi tão grande que obrigou os governos e a fração oficial do islamismo a condenar o acinte. O rei Abdullah II, da Jordânia, não teve como partilhar da campanha “Je suis Charlie”, embora tenha condenado a ação dos irmãos Kouachi e atendido ao chamado de Hollande para comparecer na marcha de 11 de janeiro. Mesmo que hipocritamente tivesse de rechaçar a nova caricatura do Maomé. O oficialista mufti Mohammad Hussein, de Jerusalém, considerou um “insulto” aos muçumanos, embora também tenha condenado o terrorismo. A União Mundial dos Ulemás, também adversária dos jihadistas, chamou uma manifestação pacífica no Catar. O governo iraniano rechaçou a edição da Charlie Hebdo. Enfim, governos e autoridades religiosas muçumanas não tiveram como partilhar da campanha imperialista pela “liberdade de expressão” com a estampa de Maomé, reivindicando a revista Charlie Hebdo (“Je suis Charlie”). Governos e autoridades muçumanas, direta ou indiretamente, se colocaram pela condenação do ato terrorista e em apoio ao governo francês. Mas não puderam se enfileirar por detrás dos 7 milhões da Charlie Hebdo, uma vez que sentiram que as massas em seus respectivos países se manifestariam contra a provocação francesa.

O importante, como se vê, foi o rechaço da população muçumana, que não fez nenhum gesto de apoio à condenação do atentado terrorista à Charlie Hebdo. A revolta

chegou ao extremo de se incendiar o Centro Cultural Franco-Nigeriano (CCFN) e destruir algumas igrejas (católicas e evangélicas), em Zinder, no Níger. Foi um ataque ao imperialismo francês e a seus prepostos nigerianos, que se utilizam do CCFN para mascarar o colonialismo. E às igrejas identificadas como força auxiliar do imperialismo.

No Senegal e Mauritânia, as bandeiras da França foram queimadas em praça pública. Na Argélia, país em que nasceram os irmãos Kouachi, o protesto terminou em confronto com a polícia. Os cartazes levantavam a bandeira “Eu sou Kouachi”.

O governo do Paquistão teve de proteger o consulado da França, em Karachi, contra os manifestantes. Em Peshwar, uma manifestação fez homenagem a Shérif e Said Kouachi. A polícia paquistanesa interveio violentamente para defender os interesses da França.

Na Jordânia, a Frente de Ação Islâmica, dirigida pela Irmandade Muçumana, convocou uma massiva manifestação, que se dirigiu a embaixada francesa em Amã e foi barrada pela ação policial. Em Jerusalém Oriental, na Esplanada das Mesquitas, os muçumanos fizeram ouvir seus protestos: “Franceses, bando de covardes”.

Na Chechênia, estimaram-se 800 mil manifestantes, um inequívoco sinal de condenação à campanha imperialista.

François Hollande exortou os países em que se queimaram as bandeiras da França a punirem os manifestantes. Exaltou a “liberdade de expressão”: *“Penso, em particular, que esses países às vezes não podem compreender o que é a liberdade de expressão, porque foram privados dela. Esses países também são apoiados por nós na luta contra o terrorismo, e quero expressar a eles minha solidariedade, mas ao mesmo tempo a França tem princípios e valores, e especialmente a liberdade de expressão”*.

Evidentemente, a “liberdade de expressão” dos oprimidos e dos opressores não é a mesma. Cabe à classe operária francesa responder com sua política ao imperialismo, de forma a responsabilizar a burguesia francesa pelo

ataque terrorista. As organizações sindicais, no entanto, apoiaram a campanha de Hollande. Praticamente, toda esquerda francesa, inclusive as revisionistas do trotskismo, se submeteram às pressões da “santa aliança”. Nos grandes momentos é que se verifica a necessidade do proletariado se libertar da política burguesa. É preciso se constituir como classe independente por meio de um partido revolucionário.

Apoiamos as manifestações das massas oprimidas que não aceitaram a condenação do ato terrorista contra a revista Charlie Hebdo. Trata-se de manifestações anti-imperialistas, ainda que acobertadas e deformadas pela religião. A onda de protestos se opôs à campanha do imperialismo contra os jihadistas islâmicos. Ergueu-se como uma muralha à “santa aliança” ocidental imperialista, que se fez presente na marcha de Hollande de 11 de janeiro. Absolutamente, não se pode dizer que a maioria apoia o método terrorista praticado pelos jihadistas. Mas é certo que as manifestações refletem uma oposição ao imperialismo sobre a base de experiências passadas (colonialismo) e presentes (imperialismo). Sentem que a resistência do nacionalismo islâmico na forma militar do terrorismo é consequência da opressão imperialista.

Insistimos que a religião serve de cobertura ideológica para o choque entre as nações oprimidas e as opressoras. A maioria explorada, entre ela o proletariado, manifesta sua revolta por meio das frações nacionalistas radicais do Islã. Ou seja, daquelas que se diferenciam das frações governistas, oficialistas e pró-imperialistas. É inevitável que os explorados mulçumanos tenham de passar pela experiência do movimento jihadista, uma vez que não têm uma direção revolucionária, marxista-leninista-trotskista.

O imperialismo e seus mais variados porta-vozes nos próprios países mulçumanos pretendem que os explorados condenem o terrorismo por princípio, em nome da paz. Identificam a violência terrorista com a barbárie. As manifestações, porém, colocam por terra essa prepotência, mesmo quando as massas saem às ruas em nome do Islã

pacífico e contra a ofensa ao profeta Maomé.

É preciso ter claro que o método terrorista utilizado pela Al-Qaeda, Estado Islâmico, etc., quando praticado contra um alvo das potências opressoras, expressa o choque entre as nações oprimidas e as nações opressoras. Ocorre que o terrorismo desfechado à margem das massas e oposto ao método da luta de classes não só é impotente perante as forças do imperialismo, como se levanta como obstáculo à luta emancipadora do proletariado. Aqueles que neste caso condenam a violência dos terroristas se sujeitam ao imperialismo. Aqueles que condenam o atentado terrorista em nome da civilização servem à violência contrarrevolucionária das potências. Não há força mais violenta e bárbara que a utilizada pelas potências para garantir o seu domínio sobre nações e povos oprimidos.

O marxismo não condena, não nega, por princípio, a violência e o terrorismo. As massas em luta pela emancipação da nação oprimida e por sua libertação da escravidão capitalista enfrentam a violência contrarrevolucionária da burguesia, inclusive o terrorismo de Estado. Distintamente das organizações terroristas, o partido revolucionário potencia a ação das massas e prepara as condições para seu levante armado como parte da insurreição popular.

Não condenamos o atentado terrorista contra a revista Charlie Hebdo, tendo por base essa posição de princípio programático. Condenamos, por sua vez, a caçada e o assassinato dos irmãos Kouachi. Agora, nos colocamos do lado das massas exploradas que protestaram contra a campanha imperialista de Hollande em nome da “liberdade de expressão”. A resposta dos explorados à “santa aliança” demonstra a necessidade de se constituir a frente única anti-imperialista para expulsar o imperialismo e impor a autodeterminação das nações oprimidas. A derrota do imperialismo por meio da ação das massas será um passo para extinguir o terrorismo.

Viva a luta anti-imperialista e anticapitalista!

Construamos o Partido da Revolução Proletária!

Viva o socialismo!

15 de janeiro de 2015

Resposta à campanha do imperialismo contra o terrorismo

O fuzilamento de 10 jornalistas da revista Charlie Hebdo e o subsequente fuzilamento dos dois terroristas pelas forças francesas não passam de mais um episódio do confronto entre jihadistas islâmicos e as potências. O atentado de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas, nos Estados Unidos, se destacou como o ponto alto das ações da Al-Qaeda. Talvez os jihadistas não mais consigam um feito tão contundente. O atentado contra o Charlie Hebdo empalidece diante da derrubada das Torres Gêmeas.

O ataque terrorista à maior potência mundial serviu de motivo para George W. Bush intervir militarmente no Afeganistão e dar um novo passo na guerra contra o governo nacionalista de Saddam Hussein – o primeiro foi dado pelo seu pai George H. Bush na guerra do Golfo Pérsico. O intervencionismo militar das potências demonstra a impossibilidade da burguesia imperialista manter seu domínio a não ser pela violência contrarrevolucionária. Essa premissa há muito foi comprovada. O que se tem é sua particular manifestação nos países semicoloniais em que predomina o islamismo.

O recrudescimento do confronto entre o imperialismo e

a jihad islâmica antecede ao atentado de 11 de setembro. Esse assombroso acontecimento abriu um novo capítulo na guerra dos Estados Unidos contra o terrorismo. As invasões do Afeganistão e do Iraque expuseram a estratégia intervencionista do imperialismo em nações oprimidas, cujos governos não se sujeitavam e procuravam exercer a soberania nacional.

A intenção do governo Bush era a de ir mais além, expandindo a guerra intervencionista para o Irã. Mas a firme resistência das forças nacionalistas tanto no Iraque quanto no Afeganistão alteraram a disposição da Casa Branca de avançar o intervencionismo. Nem o regime de Saddam, nem a dos Talibãs eram dirigidos pela Al-Qaeda. O governo nacionalista dos Talibãs tão somente abrigava o movimento terrorista de Bin Laden por estar contra os Estados Unidos. O que também ocorria com parte das forças islâmicas nacionalistas do Paquistão. Bin Laden foi assassinado pelas forças norte-americanas em território paquistanês, numa clara violação de sua soberania.

Não se trata aqui de detalhar os inúmeros embates das potências em vários países do Oriente Médio e da África contra o movimento jihadista islâmico e os massacres. Estão à vista para quem quer ver. Importa a guerra civil na Síria. Os jihadistas sunitas tomaram à frente dos combates. Inicialmente, foram alimentados pelas potências e pelos governos árabes que servem ao imperialismo (Arábia Saudita, etc.). Isso até o momento em que se destacou o movimento Estado Islâmico - pelo que se informa, contém uma cisão da Al-Qaeda. A jihad muçulmana estabeleceu a ligação entre a Síria e o Iraque. Tende a se fortalecer e a se espalhar, agravando a particular luta entre sunitas e xiitas e por cima dela a intervenção geral do imperialismo.

No fundo da “guerra islâmica” contra o governo títere dos Estados Unidos no Iraque ou adaptado ao imperialismo como o de Assad na Síria, estão o petróleo, a pobreza das massas, o entreguismo e, portanto, a opressão nacional. As jihads expressam o nacionalismo árabe à sua maneira. Nacionalismo que havia morrido com os governos

da feudal burguesia árabe dos anos 50 e 60. Sem dúvida, a sua deformação é tão grande que quase se torna irreconhecível.

Os postulados religiosos da jihad – reacionários e obscurantistas – acobertam as bases materiais do movimento anti-imperialista e do nacionalismo, que se apoia nas massas. Mas o movimento islâmico radical, com suas vertentes, seria incompreensível sem que se revelem as relações econômicas, sociais e históricas em que se assenta. As explicações que o reduzem ao fanatismo islâmico, à guerra de valores contra o Ocidente e outros equivalentes servem ao imperialismo.

Sem dúvida, os fundamentos de seita religiosa e as suas consequências sociais (patriarcalismo, medievalismo, etc.) estão presentes e são poderosos. Mas não se projetariam em um grande embate contra as potências se não tivessem raízes profundas nas relações de produção, de distribuição e de detenção das riquezas. Surpreende aos observadores externos à imersão do Estado Islâmico como um exército que foge ao controle dos governos árabes, que passa por cima das fronteiras traçadas pelo imperialismo nas duas guerras mundiais, controla parte da produção de petróleo na região e ameaça os interesses das potências no Oriente Médio.

A coalizão organizada pelos Estados Unidos para esmagar a jihad do Estado Islâmico, no fundamental, não se difere da criada para ocupar o Afeganistão, destituir o governo do Talibã, estabelecer ali um poder da fração pró-imperialista. No caso do Iraque, os Estados Unidos desconhecaram a ONU e se contentaram com o apoio da Inglaterra. O que difere a aliança de combate ao Estado Islâmico é que se configurou como a “santa aliança”. Tão ampla que congrega todas as potências e países árabes do Oriente Médio.

A guerra na Síria e no Iraque está longe de ser resolvida pela superioridade militar do imperialismo. O que potencia as ações terroristas dos jihadistas. Não se pode obscurecer que o terrorismo é um método de combate militar. É carre-

gado de dramaticidade porque as forças muito superiores do imperialismo minimizam suas próprias carnificinas. Por variados caminhos, entorpecem a compreensão das massas de que a eclosão de movimentos que se lançam ao terrorismo é produto das condições de opressão imperialista das nações atrasadas, semicoloniais e saqueadas. A vigência do terrorismo se explica pela ausência de um movimento revolucionário anti-imperialista e anticapitalista encarnado pelo proletariado e dirigido pelo partido marxista-leninista-trotskista.

O ataque ao Charlie Hebdo, isolado do processo histórico, pode ser explorado sem limites pelo governo francês, com apoio das potências e com o concurso das burguesias semicoloniais. A campanha do antiterrorismo desde que Bush estabeleceu a sua doutrina foi posta nos seguintes termos: quem não condenar os atos terroristas são adeptos, aliados, apologistas ou coniventes com o terrorismo. O fato do alvo dos jihadistas ter sido os cartunistas de uma revista dedicada ao humor e ao escracho facilitou a condenação pelas esquerdas, nas suas mais variadas tendências, ao ataque terrorista. A condenação, portanto, percorreu da direita fascista à esquerda, que se reivindica da luta anti-imperialista e anticapitalista. Evidentemente, cada qual com suas distintas explicações.

O terrorismo é um método antigo que surgiu do choque entre forças desiguais. Os ingleses que o digam em sua Guerra do Ópio na China. O atual fenômeno não difere quanto ao método usado pelas forças mais débeis. Há pouco tempo, a Al Fatah e o Hamas dele se valeram contra os sionistas. Diante do acontecido em Paris, o Hamas condenou o atentado jihadista, ao lado dos sionistas que usam e abusam do terrorismo de Estado (o terrorismo não é monopólio das forças mais fracas e oprimidas). A operação norte-americana de assassinato de Bin Laden foi terrorista – um ato de terror de Estado. O estado sionista usou terrorismo de Estado contra os palestinos em 2014. O imperialismo usa o terrorismo de Estado como auxiliar aos métodos militares da guerra regular. A França o aplicou

largamente na guerra de independência da Argélia. A violência em si, seja pela via do terror ou não, nada expressa. É preciso aproximar-se ao máximo de suas raízes sociais e históricas e identificar o seu conteúdo particular.

O nacionalismo islâmico não tem como derrotar o imperialismo e libertar as nações e povos oprimidos. Na ausência de um movimento anti-imperialista e anticapitalista encabeçado pelo proletariado e protagonizado pela maioria oprimida, o imperialismo se impõe e potencia a barbárie. O terrorismo islâmico é parte desse fenômeno que advém do capitalismo em decomposição, do bloqueio ao desenvolvimento social das nações que carregam o pesado fardo do pré-capitalismo e suportam o saque imperialista de suas riquezas naturais.

O terrorismo, no entanto, é incapaz diante da máquina de guerra das potências. Seus atentados são aproveitados pelos governos para obscurecer a consciência revolucionária do proletariado e empurrar a classe média para a direita. A convocação de François Hollande para apoiá-lo na guerra imperialista contra os jihadistas arrastou milhões de franceses, que supostamente estariam em defesa da república, da democracia, da liberdade de expressão, da civilização e da paz. A campanha mundial pela condenação do atentado ganhou proporções comparáveis às do 11 de setembro. Hollande pôde tranquilamente anunciar seu plano de reforçar a presença das tropas francesas no combate ao Estado Islâmico.

O terrorismo deve ser combatido com a política proletária e no campo da revolução social. Está aí por que condenar o atentado quando este expressa o choque entre os jihadistas islâmicos e o imperialismo, quem o faz, mesmo que em nome da luta anti-imperialista e socialista, inevitavelmente, se coloca no campo da burguesia. É necessário não apenas rechaçar a condenação do imperialismo ao ato terrorista quanto condená-lo por assassinar os jihadistas. O espetáculo montado em torno da caça aos irmãos Said e Shérif e da operação final de fuzilamento deve ser rechaçado pelos explorados. A mobilização espetacular de toda força de repressão do Estado francês para cercar e fuzilar dois

terroristas retratou a barbárie da civilização imperialista.

Esquerda capitula diante da pressão do imperialismo e da opinião pública da classe média

Em resposta imediata ao atentado, no dia 7, a CGT e partidos de esquerda fizeram uma manifestação na Praça da República, em Paris, para condenar o ato terrorista. Não diferiu em essência da gigantesca manifestação promovida por Hollande no dia 11 sob a bandeira de unidade contra o terrorismo. Em seu comunicado, o representante francês da CCR NPA (Courant Communiste Révolutionnaire du NPA), ligada ao PTS argentino, estampa: “Nossa condenação ao atentado em Paris”. Diz: “Com dor e assombro tomamos conhecimento do atentado ocorrido esta manhã contra a redação do Charlie Hebdo, reconhecido semanário humorístico progressista.” Emite suas condolências aos familiares e amigos dos jornalistas. Depois vem a ressalva: “Ao mesmo tempo em que repudiamos o selvagem atentado e nos solidarizamos com as vítimas, nos declaramos contra toda ‘união sagrada’, contra o Vigipirate (sistema de alerta antiterrorista que é utilizado de forma racista) e contra a islamofobia (...).”

O Partido Operário Independente (POI), ao qual é vinculado “O Trabalho”, corrente interna ao PT, refere-se a uma “angústia perante o ignóbil atentado que atingiu o semanário Charlie Hebdo”. Recorre à “liberdade de imprensa”, que para os revisionistas do trotskismo é o “pilar das liberdades e da democracia”. Faz apologia “à luta pela democracia e pela paz”. Eis o mais importante de sua nota: “Desde o anúncio dos primeiros atentados, o Partido Operário Independente (POI) deu a conhecer a sua mais firme condenação”.

Na Argentina, Jorge Altamira, dirigente do Partido Obrero (PO), expressa sua condenação manifestando “total solidariedade com as vítimas do massacre de Paris”. Também faz a ressalva: (...) “nenhuma solidariedade com os governos e os Estados massacradores da França e da Otan.” Levanta a bandeira de “defesa da liberdade de ex-

pressão e opinião (...).

O PTS, em sua nota, ostenta: “Do obscurantismo à reação”. Afirma: “Ninguém pode escapar à condenação destes ataques (...)” Faz uma série de considerações contrárias à “unidade nacional”, comenta artigos de vários jornais em tom de rechaço e, finalmente, vai ao essencial: “(...) partimos do repúdio ao brutal atentado sofrido pelos editores de Charlie Hebdo (...)”.

A Liga Internacional dos Trabalhadores, LIT-QI, à qual o PSTU é vinculado, finaliza seu comunicado com uma exortação: “Chamamos todas as organizações dos trabalhadores e de esquerda a repudiar esse atentado”. Explica que os atentados terroristas servem ao imperialismo. Apregoa a liberdade de imprensa e de crítica contra aqueles que “defendem um autoritarismo com métodos fascistas”.

O PCB diz que o ocorrido “é um cruel atentado contra a liberdade de expressão, uma bárbara agressão contra a democracia”. Acrescenta que o ato terrorista contraria “totalmente os ensinamentos” do islamismo. Conclui com um chamado: “É hora de todos levantarmos nossas vozes, condenarmos veementemente essa barbárie e dizermos um sonoro NÃO ao fascismo”.

O PCdoB emitiu um repúdio ao atentado, desfraldando a bandeira da paz e da liberdade de imprensa.

O representante do PSOL, Gilberto Maringoni, procura mostrar que o “terrível e injustificável atentado contra a redação do Charlie Hebdo não pode ser visto como a ação de mulçumanos alucinados (...)” Mostra que os imigrantes árabes sofrem duras discriminações raciais, que incluem a religião islâmica. Feitas tais considerações, conclui: “Mesmo assim, o atentado deve ser condenado sem mediações.”

Nota-se que as esquerdas (revisionistas do trotskismo, estalinistas, reformistas, socialdemocratas) se meteram na mesma vala comum da condenação, da consternação e da liberdade de expressão. Pode-se alargar essa vala comum com a de Hollande, quanto à condenação, à consternação e à liberdade de expressão.

Parte da esquerda rejeita a união contra o terrorismo, procura distinguir sua condenação da condenação do imperialismo, mas se colocam sob a mesma bandeira de liberdade de expressão e da consternação. Desvinculam e isolam o atentado ao Charlie Hebdo do conflito geral das nações oprimidas árabes com o imperialismo e das suas ações sangrentas. Basta lembrar as 500 crianças palestinas mortas pelos bombardeios sionista-imperialistas à Faixa de Gaza para se ter a dimensão real do choque entre as nações oprimidas e as opressoras. Isolam o ódio religioso, descarregado contra os escrachadores do islamismo, do domínio das potências ocidentais que se assentam no cristianismo. E não têm como fugir ao conteúdo burguês da liberdade de expressão propagandeada pelo imperialismo.

A esquerda capituladora sequer se esforça por entender que a campanha de escracho do semanário ao islamismo esteve em confluência com os ataques do imperialismo aos “bárbaros” que ameaçam a civilização, a democracia e as liberdades. A imprensa é um órgão de difusão ideológica. É uma infantilidade considerar a revista Charlie Hebdo como distinta da imprensa burguesa porque faz charges de “deus e o mundo”. O escracho da religião como um todo – em especial ao Papa – não modifica o fato dos chargistas estarem metidos no choque entre os jihadistas e o imperialismo.

Toda religião é obscurantista pelos seus preceitos anti-científicos. São instrumentos de conservação do capitalismo. Essa função ideológica vale tanto para o cristianismo como para o islamismo, budismo, etc. No entanto, é necessário distinguir a religião que serve ao imperialismo e a que se manifesta como expressão dos povos oprimidos.

O capitalismo não se assenta apenas na opressão de classe. A partir desta, exerce a opressão nacional. As religiões, por mais que sirvam ao capitalismo, portanto à exploração do trabalho, não são indistintas diante da opressão nacional. Não é por razões religiosas que a fração jihadista do islamismo se distingue da fração oficial. Não é devido a

interpretações distintas do Islã que se dividem em jihadistas e oficialistas, entre o uso da violência e o do pacifismo. Essa é uma explicação dos laçaios do imperialismo que têm livre acesso à imprensa burguesa, que é livre para mentir e falsificar. A divisão se deve às lutas internas entre frações da feudal burguesia pró-imperialistas e nacionalistas, e entre os nacionalistas e as potências opressoras, que têm o cristianismo como manto religioso do pacifismo.

O Vaticano cobre com a oratória do papa a chacina de crianças palestinas pelo Estado sionista de Israel. Protege com suas orações as brutais ações da França no Mali, etc.

Não passa de uma caricatura a imagem de que os jihadistas são um bando de fanáticos que praticam a barbárie em nome de um Islã, que prega a paz entre os povos. Expressam, na verdade, profundas contradições do capitalismo da época imperialista, de um lado. E, de outro, a crise de direção revolucionária aberta pela degeneração estalinista do partido bolchevique, que culminou com a destruição da III Internacional.

Se não se tomam essas considerações de ordem histórica, não se pode estabelecer uma política justa diante do terrorismo islâmico. O imperialismo constitui a época de desintegração do capitalismo, portanto, de guerras, revoluções e contrarrevoluções. Mostra-se completamente válida a caracterização geral do marxismo-leninismo-trotskismo de que ou a revolução social avança ou a barbárie se impõe como via de manutenção do capitalismo.

A crise de direção impossibilita a via da revolução social, embora as massas se batam frontalmente contra a burguesia. O mundo está diante das mais diversas manifestações da barbárie, que tendem a se potenciar caso o proletariado e sua vanguarda não deem passos para superar a crise de direção, construindo os partidos revolucionários e projetando o internacionalismo por meio da reconstrução da IV Internacional.

É assombroso observar que revisionistas do trotskismo, estalinistas e socialdemocratas se colocam na mesma

trincheira do imperialismo condenando o ataque terrorista, defendendo a liberdade de imprensa, a democracia e assistindo sem nenhum pronunciamento contrário à operação antiterrorista do governo francês que culminou com o fuzilamento dos irmãos Kouachi e de Amedy Coulibaly.

Não temos dúvidas de que o terrorismo se nutre da barbárie imperialista e de que somente o proletariado em sua luta revolucionária poderá derrotá-lo e superá-lo. Não condenar o atentado não implica apoiar os métodos e os objetivos da jihad. Implica identificar plenamente o imperialismo como o responsável pelas mortes dos jornalistas e policiais. Implica colocar-se do lado das nações oprimidas contra as nações opressoras. Implica rechaçar a santa aliança da unidade imperialista contra a jihad. Implica lutar no seio das massas para que encarnem a revolução socialista mundial. Implica combater todas as formas da barbárie com o Programa de Transição da IV Internacional.

Do Massas 493 – Fevereiro de 2015

Rechaçar a ofensiva imperialista contra o E.I.

Após o atentado contra a revista Charlie Hebdo, acirrou-se a ofensiva da coligação montada pelos Estados Unidos contra o Estado Islâmico. O imperialismo procurou fazer do acontecimento um marco. Mas o fato é que as conquistas territoriais pelas forças do Estado Islâmico na Síria e Iraque se tornaram um grande problema para as potências e para a feudal-burguesia que controla os países do Oriente Médio e adjacências. A comoção promovida pelo governo francês e amplificada mundialmente vem servindo de cortina para a “guerra ao terrorismo”, que já perfaz décadas e que ganhou proporções inéditas depois do atentado às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001.

A pretensa política de Obama, quando eleito para o primeiro mandato, de desativar a ofensiva intervencionista concebida pela doutrina Bush contra o terrorismo, não resistiu ao recrudescimento da crise mundial. O afastamento de tropas norte-americanas do Iraque e do Afeganistão não resultou de fato uma retirada, nem uma mudança significativa no intervencionismo. A substituição do “unilateralismo” pelo “multilateralismo” não modificou a essência do intervencionismo imperialista e o fortalecimento das ten-

dências bélicas nas condições da crise mundial aberta em 2008.

Os efeitos da guerra contra Saddam Hussein em 2003 no Iraque não são tão distintos dos que se manifestaram na guerra contra Muammar Kadafi na Líbia. Os dois países foram bombardeados, os escombros tomaram o lugar dos edifícios e milhares morreram. Saddam Hussein foi liquidado. Um tribunal do governo títere decretou sua pena de morte. Muammar Kadafi, por sua vez, foi assassinado pelas forças opositoras apoiadas pelo imperialismo. Foram derrubados dois governos de passado nacionalista em dois países petrolíferos e que insistiam em manter estatizada a indústria do petróleo. O imperialismo justificou as intervenções com a alegação da defesa dos direitos humanos, da democracia, da liberdade religiosa, direitos das mulheres, etc.

O destino do Afeganistão não foi muito diferente. O governo do Taliban, de Mohammed Omar, firmou posição no nacionalismo. Não aceitou o ultimato dos Estados Unidos, que exigiram a extradição de Bin Laden e o esmagamento da Al-Qaeda. O país foi invadido pela coalizão imperialista, em 2001, sob a bandeira de “guerra ao terrorismo”. Estimou-se, no início de 2014, a morte de 21 mil civis em consequência dos combates, de um total de 35 mil mortos.

O Paquistão manteve-se sob a guarda norte-americana e serviu de ponto de apoio estratégico para combater a resistência do Taliban e perseguir sem trégua a Al-Qaeda. A posição de joguete na guerra do imperialismo contra o nacionalismo islâmico agravou as divisões no Paquistão. A crise interna se alimenta das ações dos militares norte-americanos, das forças governamentais e da resistência das organizações islâmicas, que recorrem ao método terrorista de combate. Os bombardeios com os drones mataram entre 2 mil a 4,7 mil pessoas (combatentes e civis), segundo a Anistia Internacional. A “guerra ao terrorismo” tem servido para os Estados Unidos testarem e confirmarem o emprego de armamentos altamente tecnológicos. Como se vê, a manança promovida pelas potências ganhou proporções inéditas com as intervenções nas últimas três décadas.

A fundação do Estado Islâmico (EI) pelo Isil nas entranhas da guerra civil na Síria e seu avanço para o Iraque re-
crudesceram a crise no Oriente Médio. É intolerável para as
potências o controle de regiões petrolíferas pelo movimento
que levanta a bandeira de constituição de um “califado”.
Por mais absurdo que seja o pressuposto histórico, o fato é
que os seus combatentes vêm atingindo interesses vitais do
imperialismo e da feudal-burguesia árabe que mantém seu
poder assentada nas imensas jazidas de petróleo.

As antigas divisões étnicas e as diferenças no ramificado
Islã, cujas duas principais vertentes são os sunitas e xiitas,
emergem em grandes embates. A intervenção do imperia-
lismo potencia os conflitos e estimula os choques armados
de uns contra os outros. A destruição do regime de Saddam
Hussein no Iraque resultou na ruptura de um equilíbrio en-
tre sunitas e xiitas (maioria da população), que era mantido
pela via da ditadura nacionalista do Partido Socialista Ára-
be Baath. A entrega do poder aos xiitas e a ofensiva repres-
siva aos sunitas (minoría) dificultaram e impossibilitaram a
estabilização do novo regime fantoche de Washington. Com
o agravante de que os curdos, que foram duramente oprimi-
dos pelo regime de Saddam Hussein, conseguiram controlar
no norte um território rico em petróleo graças à intervenção
dos Estados Unidos e passaram a aceitar a tutela das mul-
tinacionais.

Parece convincente a explicação de alguns analistas de
que dificilmente o Estado Islâmico teria conquistado Fallu-
jah, Ramadi e finalmente Mosul, segunda maior cidade do
Iraque, sem o apoio dos chefes tribais sunitas. A insurgên-
cia comandada pela Al Qaeda no Iraque (AQI) passou a ser
um braço do Estado Islâmico e os baatistas aceitaram uma
aliança com os jihadistas. São os sunitas combatendo o po-
der dos xiitas, que se acham sob a influência do Irã. Não
adiantou a queda de Maliki do governo, substituído por
Haider al-Abadi, e a eleição de um curdo para a presidên-
cia, Fouad Massoum. A fração da feudal burguesia sunita
iraquiana não pode ser assimilada ao poder dos xiitas, em-
bora os Estados Unidos tivessem exercido poderosa pres-

são para que o novo governo estabelecesse uma coalização estabilizadora.

Na Síria, o Estado Islâmico passou a ser a principal força, secundarizando a fração jihadista Al Nusra (Al-Qaeda). O controle de campos de petróleo pelos radicais e a ligação da guerra civil síria com a iraquiana sobressaltaram os Estados Unidos, que passaram a montar uma ampla coalizão. Sob sua máscara, confeccionada com retalhos de governos árabes, iniciou-se a guerra contra o Estado Islâmico. A Síria e o Iraque tornaram-se objetivos militares das potências. A derrubada do governo de Bashar al-Assad deixou de ser o objetivo principal. As forças opositoras ligadas ao imperialismo – o Exército Livre da Síria (ELS) – perderam terreno para os jihadistas do Al Nusra e Estado Islâmico. Os bombardeios da coalizão aos radicais colocaram no mesmo terreno as potências e o regime de Assad. O inimigo principal passou a ser o Estado Islâmico. É preciso esmagá-lo, juntamente com o Al Nusra, para se retomar o objetivo original de derrubada do regime.

A guerra civil na Líbia resultou na constituição de dois governos. Ambos apoiados em milícias que combateram Kadafi. A facção que estabeleceu sua base de poder em Tobruk é apoiada pelas potências. Tripoli sedia as facções muçulmanas nacionalistas. O Estado Islâmico luta em território líbio e, tudo indica, ganha força. A Ansar al-Sharia (Al Qaeda), por sua vez, tende a fortalecer o movimento jihadista. No fundo, estão as portentosas jazidas de petróleo. O Egito e os Emirados Árabes Unidos se envolveram no conflito interno, bombardeando posições do Estado Islâmico e da Ansar al-Sharia. A resposta foi a degola de egípcios que agem na Líbia sob a máscara da religião (cristãos ortodoxos coptas).

Há que se considerar ainda o recente avanço da milícia xiita Houthi, no Iêmen, que derrubou o governo fantoche de Abed Rabbo Mansour Hadi, que, por sua vez, havia substituído o coronel ditador Ali Abdullah Saleh, derrubado por uma rebelião. As manifestações das massas ienemitas, motivadas pelos levantes que começaram na Tunísia em 2011, impulsionaram os embates armados entre xiitas e sunitas

em torno do poder. Os Estados Unidos, apoiados pela Inglaterra, combatem no Iêmen a Al Qaeda da Península Arábica. São elevados os números de mortes por ataques de drones. A Arábia Saudita exerce um grande poder sobre o país. Na história política do Iêmen, combateu o movimento democrático republicano, defendeu a monarquia e trabalhou contra a unificação entre o Iêmen do Norte e do Sul. A feudal-burguesia saudita (sunita) reage a qualquer tentativa de influência xiita do Irã, tendo por trás os Estados Unidos. O movimento Houthi é acusado de servir aos interesses iranianos. O Iêmen é estratégico para o comércio do petróleo. Os oleodutos e portos têm de estar sob o controle das potências e dos sauditas.

A investida de Israel contra os palestinos da Faixa de Gaza de julho/agosto de 2014 tem particular importância no quadro de conflagração no Oriente Médio. A operação “Margem Protetora” resultou em uma impressionante matança de civis, entre eles quinhentas crianças. O avanço do expansionismo sionista na Cisjordânia e o cerco econômico-social-militar imposto à Gaza alimentam a explosividade da região. Não há como os Estados Unidos e potências aliadas ocultarem suas responsabilidades diante dos bombardeios que devastaram Gaza e mataram centenas de civis. Acontecimentos tão brutais como esses confluíram com a carnificina na Síria e na Líbia. Projetaram-se sobre o reacionário golpe militar no Egito. O que se observa é que se desenvolve um violento choque entre as forças vinculadas ao imperialismo e as que lutam com armas nas mãos pelo controle das riquezas nacionais. Está aí por que têm se agravado os confrontos na África: Nigéria, com a insurgência do Boko Haran; Somália, com o Al Shabab; Mali, com o Movimento Nacional de Libertação do Azwad (MNLA), Ansar Dine e Al Qaeda no Magreb Islâmico. Constata-se, portanto, que o Estado Islâmico faz parte de um amplo movimento muçulmano de resistência ao saque imperialista e de enfrentamento aos governos entreguistas. O Islã serve de combustível ideológico.

Não se pode compreender por que os jihadistas aplicam

formas de violência aos adversários como a do fuzilamento coletivo, a decapitação e a queima do prisioneiro. Não se pode compreender também o atentado ao Charli Hebdo. Um fato que mais chamou a atenção foi o da degola dos dois reféns japoneses, Kenji Goto e Haruna Yukuwama. O Japão parecia distante da guerra que se trava no Oriente Médio. Mas o seu governo, Shinzo Abe, divulga a soma de contribuição destinada à coalizão internacional que combate o Estado Islâmico. Em resposta, os jihadistas exigem uma soma de resgate do refém, que acaba degolado. A posição das potências é que morra o prisioneiro. A cena que mais horrorizou foi a pena imposta ao piloto jordaniano, tenente Moaz Al-Kasasbeh. Em uma jaula, foi queimado vivo. Em resposta, o governo jordaniano, rei Adullah II, executa, por enforcamento, Sajida al-Rishawi e Ziad al Karbuli, dois membros do Estado Islâmico. As execuções de curdos, que se alinharam com a coalizão e colaboram com o governo do Iraque, compõem o quadro de horror que se instalou na guerra do imperialismo contra a jihad nacionalista. Evidentemente, a violência dos opressores internacionais e dos governos lacaios pouco tem aparecido.

A Casa Branca espera lançar brevemente uma ofensiva militar por terra. A posição original era a de pôr na linha de frente as forças da feudal burguesia árabe. Mas suas ações se limitaram aos bombardeios, como tem feito o Egito e a Jordânia. No Iraque, uma força-tarefa norte-americana arma e prepara os curdos para as batalhas de campo, bem como o exército iraquiano. O governo de Obama, no entanto, chegou à conclusão de é preciso ter uma autorização do Congresso para fazer o que bem entender. As execuções promovidas pelos insurgentes estão sendo usadas para modificar a opinião da maioria da população de que é preciso combater o terrorismo com o intervencionismo total. Apesar de Israel ficar à margem dos combates, os governos da Arábia Saudita, Egito, etc. receiam amplificar a guerra entre muçulmanos. É do interesse da ditadura de Al Sisi, do Egito, e da fração pró norte-americana da Líbia que as potências armem a reação com poderes maiores que já têm.

Esse é o significado do pedido para que a ONU levante o embargo de armas para a Líbia. A repressão desfechada pelo rei Adullah em Maan atingiu a população que se inclinava a apoiar o movimento jihadista. Centenas de jovens jordanianos procuravam se alistar nas fileiras do Estado Islâmico. As ditaduras e monarquias árabes estão em crise, sustentam-se à base da violência e da ingerência das potências.

O perigo de uma batalha contra o Estado Islâmico e outras vertentes da jihad é o de provocar um levante das massas. Os Estados Unidos estão dispostos a armar a reação feudal-burguesa, mas não puderam convencer seus aliados árabes a lançarem a ofensiva por terra. Os curdos, devido a interesses bem determinados, prestam-se a esse serviço. Diante dessa situação, Obama trabalha para ganhar apoio das massas norte-americanas para uma eventual guerra campal. A França enviou uma força naval para a região. E a Itália anunciou que está pronta para uma invasão da Líbia. As potências europeias e seus tentáculos (Holanda, Dinamarca, Austrália, etc.) ampliaram a campanha antiterrorismo depois do atentado ao Charli e em outras partes. Ampara-se em uma tendência xenofóbica que cresce a cada dia em função dos impasses do capitalismo europeu. É do interesse do capital financeiro impulsionar a grande orquestração em favor da ofensiva militar contra o Estado Islâmico.

Tudo indica que a conflagração no Oriente Médio e em países da África se agigantará. O esmagamento da insurgência islâmica é a única via apresentada pelos Estados Unidos e sua coalizão. Quer dizer que as potências darão curso às tendências bélicas da crise mundial. Não é novidade que o imperialismo utilize as ações das organizações terroristas e as cenas de violência para arrastar as massas por detrás do intervencionismo. No passado, com a guerra fria, utilizou o espectro do comunismo. Para falsificar sobre as razões do terrorismo e apresentá-lo como uma deformação da barbárie no seio da civilização, conta com o poderoso aparato de propaganda internacional.

Obama reuniu, em Washington, representantes de 70 países, para preparar a campanha ideológica. O principal

objetivo foi pressionar as autoridades políticas, militares, acadêmicas e religiosas muçulmanas a assumirem a particular guerra das potências contra o terrorismo islâmico. A corrida de milhares de jovens e populares para as fileiras do Estado Islâmico assusta os governos. Como estancar a admiração e a disposição de combate de camadas jovens muçulmanas (muitos aderiram ao islamismo)? Diz Obama: comunidades muçulmanas, incluindo intelectuais e clérigos, têm a responsabilidade de refutar não apenas as interpretações deturpadas do Islã, mas também as mentiras de que estamos engajados em um choque de civilizações, de que a América e Ocidente estão em guerra contra o Islã ou buscam reprimir os muçulmanos, ou que somos a razão de todas as mazelas do Oriente Médio.”

O imperialismo está diante da dificuldade de convencer os países árabes de que o Estado Islâmico, Al-Qaeda, Boko Haram, Taleban, etc. são terroristas e que devem ser trucidados. Todos devem se colocar sob a doutrina de Bush, que serviu de base para alavancar a ofensiva intervencionista. A iniciativa de Obama em favor de uma cruzada contra as organizações que evocam o Islã para combater com levantes armados e o terrorismo, exigindo que as autoridades muçulmanas usem o Islã pacífico e ao mesmo tempo as armas da guerra antiterrorismo, tem por fundamento que a vitória militar depende da vitória ideológica. Ocorre que há uma interpenetração entre o fervor fundamentalista e o nacionalismo; e entre o islamismo oficial e a subserviência ao imperialismo. As distintas interpretações do Islã e sua divisão entre fundamentalistas e oficialistas têm em sua base material o atraso pré-capitalista, a conservação da diminuta feudal-burguesia, os Estados corrompidos, o poder das dinastias do petróleo, a brutal pobreza das massas e o visível saque imperialista. Levante-se o véu do fundamentalismo religioso e se verá nitidamente o nacionalismo típico das nações oprimidas. Levante-se, em seguida, o véu do nacionalismo islâmico e se encontrará o choque entre as forças das nações oprimidas e as das nações opressoras. Assim, ficará transparente que os jihadistas lutam por ocu-

par países e territórios controlados pelas potências e pelos seus serviços.

Por que, então, prevalece de um lado a ideologia fundamentalista e de outro a do antiterrorismo do imperialismo? Porque a classe operária está internacionalmente desorganizada e não conta com partidos revolucionários, que lutariam com o programa da revolução social. A III Internacional foi destruída pelo estalinismo. A IV Internacional foi estilhaçada pelo revisionismo. Os progressos do marxismo entre as massas mundiais e em especial entre os explorados árabes, influenciados pela Revolução Russa e pelo bolchevismo, foram varridos. A derrocada do processo revolucionário e o retrocesso nas transformações socialistas, em última instância, deixaram o caminho aberto para as potências exercerem um poder quase ilimitado. O domínio das potências sobre o Oriente Médio - depois das duas guerras mundiais e da dissolução do império otomano - impôs uma penetração do capitalismo monopolista e em grande medida a conservação de formas arcaicas de pré-capitalismo. Em sua base, está a economia petrolífera e comercial. Para isso, foi necessário derrotar o nacionalismo árabe, que teve grandes pretensões de independência com o pan-arabismo. As formas bárbaras que assumiram o intervencionismo imperialista e a resistência de organizações jihadistas expressam esse processo histórico.

O ponto de partida está em ter uma posição correta, a mais precisa possível diante de uma situação mundial tão complexa. Observamos que as esquerdas quase em sua totalidade - de estalinistas a revisionistas do trotskismo - se curvaram diante das pressões imperialistas para que houvesse uma condenação geral do atentado contra o Charli Abdo. A questão, no entanto, não se circunscreve à ação terrorista contra jornalistas que foram às últimas consequências em suas caricaturas a Maomé. O acontecido é um pingo no oceano dos confrontos no Oriente Médio e países da África. Não passa de uma decorrência. O mesmo se pode dizer das execuções realizadas pelo Estado Islâmico.

O fundamental está em identificar a rebelião da nação

oprimida contra a opressora – uma marca de nosso tempo. O jihadismo encarna a nação oprimida, não por um programa revolucionário, que não tem e certamente o rechaça com seus pressupostos religiosos, mas objetivamente. Eis por que está em choque frontal com os Estados Unidos e sua coalizão. O fato de expressar a nação oprimida não significa que a libertará dos seus saqueadores. O nacionalismo islâmico não tem como destruir os laços de dominação da propriedade monopolista e os liames que ligam o Estado nacional à burguesia mundial. A idealização de uma unidade muçulmana sob a forma do califado cairá por terra. Mas, sob os pés da insurgência, as forças produtivas encarceradas pelo atraso e pelas travas do imperialismo forçam passagem. Tomado o fenômeno em seu conjunto e consideradas as contradições, o levante armado contra o domínio imperialista é progressivo. O mais provável é que se vencesse poderia assumir formas regressivas de nacionalismo religioso. No caso de ser esmagado, fortalecerá provisoriamente o domínio imperialista.

Não é porque o proletariado está desorganizado que não tem respostas. Em sua luta mundial, permitiu que sua vanguarda formulasse o programa e a tática de combate à opressão de classe e à opressão nacional. A linha divisória está em defender qualquer que seja o levante da nação oprimida contra a opressora. Aplicada à situação, trata-se de rechaçar a intervenção do imperialismo e combater a doutrina do antiterrorismo. De forma alguma, a luta dos marxistas contra a religião, ao nacionalismo e às organizações que praticam o terrorismo à margem dos explorados os coloca no terreno das potências e da feudal-burguesia árabe. Na luta contra a intervenção do imperialismo e em defesa das organizações jihadistas, torna-se possível desenvolver no seio das massas o programa da revolução proletária, as tarefas democráticas da nação oprimida e as reivindicações da maioria explorada. Torna-se possível a crítica concreta ao nacionalismo islâmico, ao obscurantismo religioso, aos objetivos ocultos de poder e ao terrorismo.

O programa democrático de combate ao imperialismo,

pela autodeterminação das nações oprimidas, independência nacional, superação do atraso econômico-social, fim da miséria das massas, etc. se sintetiza na bandeira de Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio. E a tática para vencer os agressores externos e seus lacaios internos é a da frente única anti-imperialista. O confronto entre a coalizão comandada pelos Estados Unidos e o Estado Islâmico exige a defesa do levante armado dos explorados. Somente as massas oprimidas em combate direto à feudal-burguesia e às forças coligadas das potências poderão vencer a batalha pela emancipação na nação oprimida. Qualquer traço de pacifismo – o que não falta aos revisionistas e reformistas – serve à violência sanguinária e contrarrevolucionária do imperialismo. Está aí por que, desde o início dos embates, o POR afirmou sua posição na bandeira “ao lado do Estado Islâmico contra o imperialismo.”

Fica evidente que as batalhas na Síria, Iraque, Líbia, Iêmen, Afeganistão, Nigéria, Somália, travadas pelos jihadistas, fazem parte da nova etapa da luta de classes aberta pela crise mundial em 2008. É necessário considerá-las no âmbito dos movimentos, greves e protestos em outras partes do mundo, em particular na Europa ocidental. Deve-se também verificar seus vínculos com a guerra civil na Ucrânia. E de um ponto de vista mais geral identificar o impulso das tendências bélicas do imperialismo. Na América Latina, a crise econômica vem desfazendo as ilusões do crescimento sustentável e a burguesia se colocou em posição de ataque à vida das massas. No Brasil, os explorados sentem os primeiros sintomas da recessão e começam a vencer o período de inércia. A ofensiva militar dos Estados Unidos contra os jihadistas se depara com o recrudescimento da luta de classes mundial. É nesta situação que a vanguarda poderá avançar a tarefa de reconstruir o partido mundial da revolução socialista – a IV Internacional.

Março de 2015

Estados Unidos bombardeiam território da Síria. Força o imperialismo do Oriente Médio!

Os ataques aéreos sobre as cidades de Raqqa, Deir al Zour, Hasakal e Abu Kamal indicam que o imperialismo pôs em marcha seu plano de derrubar o governo de Bashar al-Assad. O motivo alegado é o de destruir posições das forças do Estado Islâmico (EI), que está em guerra contra Assad.

Os Estados Unidos estiveram perto de atacar a Síria pouco tempo atrás, para fortalecer o levante armado de opositores, entre eles, as forças islâmicas como Al Qaeda e Frente al-Nusra, de onde surgiu o EI. Um acordo de eliminação de arsenais químicos, imposto sob a ameaça das potências de atacarem diretamente o governo sírio, adiou o plano do imperialismo de agir diretamente para derrubar Assad. Mas a ofensiva militar do Ocidente foi adiada provisoriamente. A emergência das frações guerrilheiras radicais – não controladas pelo imperialismo – pesou na decisão de se chegar ao acordo. A eliminação das armas químicas seria apenas uma manobra para enfraquecer o regime de Assad. Nos cálculos dos Estados Unidos de colocarem tropas em solo sírio – se não norte-americanas, pelo menos as de seus aliados, – o desmonte das armas químicas seria uma barreira de defesa a menos de Assad.

A projeção do islamismo radical sunita ofuscou a oposição apoiada pelas potências e por governos da região (Arábia Saudita, Turquia, etc.). Não seria nada positivo para os Estados Unidos e seus aliados ter a Síria sob o controle

de nacionalistas radicais. O acordo e o recuo tático do imperialismo permitiram que o regime de Assad retomasse a ofensiva militar e política contra a oposição.

A expansão do EI no Iraque recolocou para o imperialismo a questão da Síria. O radicalismo islâmico avançou sobre áreas petrolíferas. Chocou-se diretamente com os interesses das multinacionais e com o domínio imperialista.

O Oriente Médio vem atravessando um período de convulsões sociais e políticas. Não será nada bom para as potências exploradoras e para os governos árabes entreguistas que as massas se levantem em meio à ofensiva do EI e de outras variantes do nacionalismo radical. A burguesia norte-americana, francesa e inglesa, sobretudo, exigiu de seus governos que lançassem a guerra. O EI deve ser trucidado. O nacionalismo islâmico, sufocado em sangue.

Não há perigo imediato ao capitalismo, evidentemente. O imperialismo e os Estados árabes não estão diante de um movimento dirigido por uma direção revolucionária. O que quer dizer que no final das contas as potências continuarão a dominar o Oriente Médio. Mas não podem admitir qualquer restrição aos seus interesses. Não podem correr o risco de ver constituir uma direção revolucionária no seio das massas oprimidas, distinta e oposta ao arcaico nacionalismo islâmico.

No mesmo processo de levantes de massas, derrubada de governos, golpes e guerras civis, que sacudiram o Oriente Médio e o Magrebe, na Síria, se desencadearam combates contra a ditadura de Assad e, finalmente, uma sangrenta guerra internacionalizada. O imperialismo traçou o mesmo caminho tomado pela Líbia de desintegração do regime político. Mas não conseguiu impor sua estratégia. Não apenas devido à maior capacidade das Forças Armadas sírias, mas também ao apoio de frações da feudal-burguesia interna, de importante parte da população e, externamente, da Rússia.

A resistência do regime de Assad desconcertou o imperialismo. Obama sentiu a limitação política dos Estados Unidos em intervir diretamente com sua máquina de guerra. Mas não seria essa ordem de dificuldades que iria dissuadir a maior potência, ainda mais contando com a

instigação da França e da Inglaterra. A crise provocada pelas ações do EI no Iraque permitiu a Obama encontrar um pretexto para retomar o plano de ataque à Síria.

Por detrás do agressivo intervencionismo, está a crise mundial que desintegra o capitalismo. As forças produtivas então em franco choque com as relações de produção e com as fronteiras nacionais que as encarceram. Tais contradições estruturais têm provocado irrupção no Oriente Médio. Manifestam-se na forma de levantes de massa, de guerras civis e de impulso do primitivo nacionalismo islâmico. E expõem, ao mesmo tempo, dramaticamente, a crise de direção revolucionária – da ausência do partido marxista-leninista-trotskista no seio dos explorados e das nações oprimidas.

Os Estados Unidos não estão nas mesmas condições de agir unilateralmente como fez George W. Bush invadindo o Iraque. Montou, assim, uma coligação de países sob seu comando. O fundamental é que arrastou governos árabes. A França passou a fazer incursões aéreas contra o EI no Iraque. E os Estados Unidos se encarregaram de testar seus mais novos e potentes aviões de guerra na Síria contra as primitivas forças dos islâmicos. Para dar ares de que se trata de uma força de guerra multinacional, a Arábia Saudita, os Emirados Árabes, a Jordânia, o Catar, etc. auxiliaram na ofensiva imperialista em território sírio.

Não faltaram protestos de que os ataques sobre a Síria são lançados a despeito da autorização da ONU. Que é preciso autorização do governo de Assad, como fez o governo do Iraque. Segundo os noticiários, Assad admitiu os bombardeios com o argumento de que se trata de uma “iniciativa contra o terrorismo”. Tais justificativas servem para povoar os noticiários de falsificações e mentiras. Não se pode admitir nenhuma justificativa para nenhum ataque imperialista contra qualquer nação oprimida ou a qualquer uma de suas forças sociais em luta.

Não há neutralidade diante da opressão imperialista. Quaisquer que sejam as forças dos povos ou nações oprimidas em choque com os Estados Unidos e seus aliados devem ser defendidas pelos explorados. A política do pro-

letariado parte da necessidade de derrotar o imperialismo, para prosseguir a luta pela derrota final da burguesia semicolonial e de todas as forças pró-capitalistas.

Os Estados Unidos conclamam todas as nações a se juntarem à cruzada antiterrorismo. Mas essa é a cruzada imperialista de dominação das nações oprimidas. É legítimo o uso do terror dos oprimidos contra seus opressores, embora não os vencerão por esse método de combate. A via do proletariado é o da revolução social, da insurreição armada das massas. Os islâmicos radicais formaram um exército em combate. Usam do terror contra os inimigos. Mas a verdadeira “rede da morte” é encarnada pelo imperialismo. As potências são responsáveis pelo rio de sangue que atravessa a história do capitalismo. Devem ser combatidas e derrotadas no Oriente Médio e onde quer que oprimam os povos.

Os trabalhadores e a juventude não se devem impressionar pela campanha dos Estados Unidos de que o mundo está diante do confronto entre o terrorismo sanguinário e a liberdade civilizada. Absolutamente falso! O mundo está diante da ofensiva desesperada das potências que necessitam submeter mais ainda as nações semicoloniais e ter mais liberdade para saqueá-las. A liberdade oferecida pelos Estados Unidos é a dos vencedores das guerras de dominação.

O Partido Operário Revolucionário convoca a classe operária, os camponeses pobres e a juventude a se levantarem sob a bandeira de autodeterminação dos povos oprimidos, de derrota da cruzada imperialista no Oriente Médio, de rechaço aos bombardeios sobre os islâmicos em armas e fim imediato da violação da soberania da Síria e do Iraque. Está colocado nos países que sofrem com o domínio das potências a constituição da frente única anti-imperialista, sob a direção do proletariado e sua estratégia de destruição do capitalismo.

Explorados e juventude oprimida, não nos deixemos enganar pela propaganda do imperialismo! Colocamo-nos ao lado das nações e povos oprimidos contra as potências saqueadoras! Lutamos nas trincheiras dos que combatem pela real liberdade e democracia dos explorados! Empunhamos a bandeira da revolução proletária e do socialismo!



Caixa Postal nº 630 - CEP 01059-970 - São Paulo
www.pormassas.org -- [facebook.com|massas.por](https://facebook.com/massas.por) -- [anchor.fm|por-massas](https://anchor.fm/por-massas)
